

**OS TRÊS TIPOS DE DESORDEM INFORMACIONAL:
DESINFORMAÇÃO (DIS-INFORMATION), INFORMAÇÃO FALSA (MIS-INFORMATION) E
INFORMAÇÃO MALICIOSA (MAL-INFORMATION)***

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Desordem informacional**: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas. Tradução de Pedro Caetano Filho e Abílio Rodrigues. Rev. Isabela Carneiro e Lucas Andrade. Coleção CLE - Unicamp, volume 92. Campinas: editora CLE, 2023. 211p. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/ebooks/index.php/publicacoes/catalog/book/93>. Acesso em: 19/02/2024.

Isabela Carolina Carneiro de Oliveira**

O livro *Desordem informacional*: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas possui como origem um relatório encomendado e publicado em língua inglesa pelo *Council of Europe* em 2017 (revisado em 2018). Observa-se que o material de pesquisa apresentado e desenvolvido pelos autores, Wardle e Derakhshan, é composto por elementos fundamentais para entendermos o fenômeno da desinformação no nosso país e no mundo. Além disso, é válido salientar que a presente edição em língua portuguesa pode ser “descarregada” gratuitamente tanto no site do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) quanto no site do *Council of Europe*.

O livro é dividido em seis capítulos, além de uma sinopse inicial e introdução. A edição utilizada nesta resenha possui ainda dois adendos – Apêndice A: Iniciativas europeias de verificação de fatos; e Apêndice B: Iniciativas brasileiras de verificação de fatos.

Resta-nos acrescentar que os autores do relatório partem da insuficiência do termo “*fake news*” para explicar a complexidade do fenômeno desordem informacional, e que, por essa razão, evitam o seu uso (Wardle, 2017). Além disso, Wardle e Derakhshan apontam para o fato no qual o referido termo já foi demasiadamente usado por políticos em escala global, o que ocasionou, de certo modo, um “esvaziamento” de sentido. Constatamos, a partir disso,

* Resenha recebida em 24/02/2024 e aprovada para publicação em 15/04/2024.

** Mestre em Filosofia pela UFMG; graduada em Filosofia e em Pedagogia pela mesma Universidade. E-mail: isabela.carolinacarneiro@gmail.com.

que o termo “*fake news*” foi trivialmente usado, e que outras terminologias são mais apropriadas.

A partir do exposto, os autores recomendam que devemos utilizar três termos fundamentais ao debate sobre a desordem informacional: (i) informação falsa [*mis-information*], entendido como o compartilhamento de uma informação falsa, mas sem a intenção de causar danos; (ii) desinformação [*dis-information*], trata-se de uma informação falsa que é fabricada e deliberadamente compartilhada com o intuito de causar danos; e (iii) informação maliciosa [*mal-information*], quando ocorre o compartilhamento de informações pessoais e verdadeiras expondo particularidades privadas dos indivíduos à esfera pública.

No primeiro capítulo, intitulado “Estrutura conceitual”, Wardle e Derakhshan, explicam em três subcapítulos: 1) os três tipos de desordem informacional: desinformação, informação falsa e informação maliciosa; 2) as três fases da desordem informacional: criação, produção e distribuição; 3) os três elementos da desordem informacional: agente, mensagem e intérprete. O objetivo desse capítulo é estabelecer uma nova estrutura conceitual sobre a desordem informacional, incluindo três tipos: desinformação, informação falsa e informação maliciosa; três fases: criação, produção e distribuição; e três elementos: agente, mensagem e intérprete (Wardle; Derakhshan, 2023, p. 45 *et. seq.*).

No segundo capítulo, “Desafios dos filtros de bolhas e das câmaras de eco”, os autores apresentam os desafios contemporâneos dos “filtros de bolhas” [*filter bubbles*] e das “câmaras de eco” [*eco chambers*] (Pariser, 2011; Dutton, 2017). Nesse ponto é ressaltada a importância de direcionarmos a atenção ao modo como as pessoas acessam informações e as compartilham em suas redes virtuais. Além disso, alegam que o grande desafio seria entender os fatores psicológicos e comportamentais imbricados no modo como as pessoas escolhem com quem se conectam, na “esfera pública”, em seus respectivos espaços compartilhados (Habermas, 1962, 2006).

O terceiro capítulo, “Tentativas de soluções”, Wardle e Derakhshan, mediante a poluição informacional e informação falsa, examinam algumas soluções que circularam nas redes sociais, por exemplo, a de Eli Pariser, autor de *The filter bubble* (2011). Pariser criou um documento público no Google e pediu às pessoas sugestões para o problema da informação falsa. No entanto, conforme apresentado no livro, considerar a comunicação como transmissão de informação não é o suficiente para resolver a desordem informacional.

O quarto capítulo, “Tendências futuras”, lembra-nos do impacto da informação falsa e desinformação na esfera política dos Estados Unidos, Brasil, Espanha, entre outros países. Enfatiza a utilização de *bots* disseminadores de desinformação, potencialmente manipuladores e capazes de ‘curtirem’ ou ‘compartilharem’ informação fabricada automaticamente e repetidas vezes (Shao *et. al.*, 2018).

No quinto capítulo, os autores apresentam a “Conclusão” da pesquisa. Nessa parte do relatório, o destaque é para a necessidade de programas educacionais voltados para o “letramento midiático” que funcionariam da educação básica ao ensino superior. Em uma perspectiva educacional, essa modalidade de “letramento midiático” contra a desordem informacional, desde os primeiros anos escolares, parece fornecer efetivamente os elementos capazes de enfrentar essa grande tormenta. Somente dessa forma poderíamos, então, conjecturar uma “educação informacional” de modo significativo.

No sexto capítulo, “Recomendações”, o relatório termina explicitando trinta e quatro recomendações, dirigidas a empresas de tecnologia, governos nacionais, organizações de mídia, sociedade civil, ministérios da educação e organismos de financiamento.

Por fim, temos que o livro apresenta um diagnóstico acertado sobre a desordem informacional. Contudo, trata-se de um fenômeno complexo e multifatorial que em momento algum pode ser investigado desconsiderando as suas várias fases, tipos e elementos.

REFERÊNCIAS

- DUTTON, B. **Fake news, echo chambers and filter bubbles are an exaggerated threat.** Here’s why. World Economic Forum Blog, May, 2017. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2017/05/fake-news-echo-chambers-and-filter-bubbles-are-an-exaggerated-threat-heres-why>. Acesso em: 19 fev. 2024.
- HABERMAS, J. **The structural transformation of the public sphere:** an inquiry into a category of bourgeois society. Trad. Thomas Burger. UK: The Mit press, 1962.
- HABERMAS, J. “Political communication in media society: Does democracy still enjoy an epistemic dimension? The impact of normative theory on empirical research”. **Communication Theory**, [s. l.], 16 (4), p. 411-426, 2006.
- PARISER, E. **The filter bubble:** how the new personalized web is changing what we read and how we think. London: Penguin Books, 2011.

SHAO, C., G. L. CIAMPAGLIA, O. VAROL, A. FLAMMINI; F. MENCZER. **The spread of fake news by social bots**. Indiana University, Bloomington, 2018. Disponível em: <https://arxiv.org/pdf/1707.07592.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2024.

WARDLE, C. **Fake News: It's complicated**. First Draft, 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org>. Acesso em: 19 fev. 2024.